

Cartas que dizem adeus: Jan Hus, 1415

THIAGO BORGES DE AGUIAR*

Eu agradeço a todos os nobres, cavaleiros e escudeiros do reino da Boêmia, em particular ao rei Wenceslau e à rainha, minha benevolente senhora, visto que lidaram comigo com afeto, trataram-me gentilmente e se empenharam diligentemente por minha libertação. Agradeço, também, ao rei Sigismundo por todo o bem que me mostrou. Agradeço a todos os nobres tchecos e poloneses que inabalável e firmemente empenharam-se pela verdade e por minha libertação. Desejo a salvação para todos eles, agora na graça e depois na glória eterna. Que Deus de toda a graça guie suas vidas na saúde da alma e do corpo para a Boêmia, que servindo lá ao Cristo rei vocês possam alcançar a vida de glória.

Cumprimento a todos os nossos amigos que eu não posso mencionar, pois, caso mencionasse uns e não outros, parecer-lhes-ia que eu sou um respeitador das pessoas e que aqueles que eu não mencionar suporiam que eu não me lembrei deles ou que eu não os amo como deveria.

Escritas em 21 de junho de 1415, da prisão num mosteiro franciscano em Constança, estas palavras do clérigo Jan Hus apresentam um padrão de escrita comum às suas cartas de despedida. Elementos como o agradecimento a pessoas de sua rede de relações e a expressão de um desejo de salvação para seus interlocutores, caracterizam a escrita deste educador do século XV às vésperas de sua morte na fogueira. Mas não apenas de uma postura de reverência e oração são recheadas suas cartas de despedida. Uma atitude de defesa da verdade diante das acusações que sofria e um esforço por “deixar tudo em ordem” até o momento derradeiro estão presentes explícita e implicitamente nas últimas cartas de Hus.

Neste texto, traçaremos um percurso de despedida deste clérigo da região da Boêmia, morto na fogueira do Concílio de Constança em 6 de julho de 1415, a partir da análise das vinte últimas cartas de sua epistolografia (SPINKA, 1972:180-211). Queremos, com esse traçado, observar a emergência de um discurso de despedida: um padrão de escrita que se repita nas últimas cartas e que nos ofereça uma chave de leitura dessas mesmas cartas.

* Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Doutor em Educação, área de História da Educação.

Das 102 cartas escritas por Hus que chegaram até nós, 65 foram escritas de Constança, cidade onde Hus foi preso dias após sua chegada. Destas 65, 33 foram escritas em seu último mês de vida. No entanto, a escolha das últimas vinte cartas para este estudo não possui justificativa matemática. O marco divisório é temático.

Entre os dias 5 e 8 de junho de 1415, Hus é chamado diante do Concílio de Constança para defender-se das acusações que sofria, baseadas num conjunto de artigos supostamente extraídos de seus escritos que defendiam desde a negação do lugar de Pedro na hierarquia da Igreja até a posição contrária à punição corporal de alguém considerado herege. A maior parte das acusações contra Hus (cf. SPINKA, 1965 ,p. 183 e seguintes) concentrou-se em sua afirmação que o papa não era o cabeça da Igreja e que nós devemos obedecer a Deus antes de obedecer à Cúria Romana.

Após sua última audiência, que Hus considerou desordenada, havia da parte do acusado uma expectativa de ter nova chance de ser ouvido. Enquanto preparava sua defesa, escrevia em suas cartas (entre 8 e 13 de junho) pedidos para que os nobres solicitassem ao rei Sigismundo, então imperador do Sacro Império, que cumprisse sua palavra de oferecer-lhe nova audiência. Um membro do Concílio de Constança tenta convencer Hus a abjurar, mas o clérigo se recusa, como é possível observar numa troca de cartas entre eles em cerca de 20 de junho (SPINKA, 1972: 173-177).

Talvez por perceber que não teria nova audiência ou motivado pela troca de cartas com esse membro do Concílio ou quem sabe estivesse compelido a escrever uma resposta, Hus escreve a seus amigos em Constança, em 21 de junho, uma carta na qual afirma apresentar sua “intenção final”:

*Eu me recuso a confessar como errôneos os artigos que foram corretamente abstraídos e abjurar os artigos atribuídos a mim por falsas testemunhas. Pois abjurar significa confessar que eu sustentei erros ou um erro, e abandoná-los e sustentar o oposto. Pois Deus sabe que eu nunca preguei aqueles erros que foram inventados, abandonando-se muitas verdades e adicionando mentiras. Pois se eu soubesse que meus artigos estavam contrários à verdade, eu os corrigiria e revogaria com alegria e ensinaria e pregaria o oposto.**

* Todas as citações das cartas de Hus foram traduzidas do inglês, com apoio nas versões originais em tcheco e/ou em latim, a partir das obras de Matthew Spinka, *The letters of John Hus*, 1972 e de Václav Novotný, *M. Jana Husi Korespondence a dokumenty*, 1920.

Essa “intenção final” com a qual inicia sua carta é seguida de uma submissão à correção “do onipotente e melhor mestre”, subentendida aí uma não submissão à correção do concílio mas a de Deus. E o que faz Hus depois de posicionar-se desta maneira? Escreve o conjunto de agradecimentos com o qual iniciamos este texto. Por estas características: apresentar uma posição final (que em seu caso, também é fatal), não se submeter a seus acusadores e agradecer às pessoas que lhe ajudaram, entendemos que a carta de 21 de junho marca o início das despedidas de Hus.

Não deixamos de considerar, porém, a arbitrariedade deste marco, visto que não existe uma divisão rígida de temas num conjunto epistolar. Ideias são gestadas em escritas anteriores, algumas que chegaram até nós e outras que se perderam no tempo. E, por mais brusca que seja uma mudança perceptível na escrita, é possível encontrar elementos que já estavam presentes que favoreceram essa mudança.

Em nossas leituras da correspondência hussita, por exemplo, encontramos (AGUIAR, 2010: 69 e seguintes) categorias de “motivação de escrita” presentes em toda a correspondência, encontrando em cartas de diferentes momentos da vida de Hus a refutação de acusações e a defesa da verdade. Estabelecer como marco do início da escrita de despedida de Hus a carta de 21 junho não é desconsiderar, por exemplo, a carta escrita a seu discípulo Martin de Volyně (outubro de 1414), que só deveria ser aberta após a confirmação da morte de seu remetente. Mas se não delimitássemos um escopo, perderíamos detalhes que saltam à vista e elementos aparentemente negligenciáveis que não costumamos olhar com atenção, mas que dispostos pelo historiador permitem construir uma narrativa (GINZBURG, 1989:177, 2004:13-14). Construamos aqui a nossa narrativa a partir das últimas cartas de Hus.

No mesmo dia 21 de junho de 1415, não sabemos se antes ou depois da carta anteriormente apresentada, Hus escreve para um de seus amigos que está em Praga. O destinatário, Havlík, é o clérigo que o substituiu em seu ofício de chefe da Capela de Belém. Esta capela foi o principal lugar de pregação de Hus, de onde ele estabeleceu sua principal rede de relações e onde estavam seus principais interlocutores após seu exílio forçado de Praga. Um conjunto de cartas, que denominamos de pastorais (cf. FREITAS, 2002:61-62), foram escritas por Hus para serem lidas no púlpito dessa capela, o que sugere uma grande importância do local para o clérigo e seus discípulos e amigos. (AGUIAR, 2010: 93 e seguintes)

Havlík opunha-se à prática da dupla comunhão (pão e vinho) para os leigos. Hus não introduziu essa prática na capela, mas, conforme esta carta que escreve para seu amigo, aprova-a. (SPINKA, 1972:181) É o que vemos, por exemplo, por esta afirmação:

Não se oponha ao sacramento do cálice do Senhor, que foi por Ele próprio e por Seu apóstolo instituído. Nada nas Escrituras opõe-se a ele, apenas um costume que, suponho, cresceu por negligência. Nós não devemos seguir o costume, mas o exemplo e a verdade do Cristo.

Esta é a única carta hussita tendo Havlík por destinatário exclusivo, embora ele seja mencionado em outros momentos e, substituindo Hus no comando da capela, entendemos que ele possa ser o intermediário de todas as cartas pastorais do clérigo preso em Constança. Deste modo, no momento em que Hus toma suas posições finais a respeito das acusações que sofre, ele dedica uma carta para a pessoa responsável por assumir seu lugar na capela. Ao pedir que ele “resista bravamente na verdade de Cristo, colocando para trás o medo ilícito, confortando aos outros irmãos no evangelho do Senhor Jesus Cristo”, Hus procura garantir que um dos lugares mais importantes de sua atuação seja preservado de ideias contrárias ao que ele acredita. Ele constrói, desta maneira, seu testamento, seu legado para o futuro.

Esse esforço de deixar um legado para após sua morte aparece igualmente numa carta que, até nós, chegou apenas fragmentos. Escrita em cerca de 21 de junho e endereçada ao chefe da Ordem Dominicana, Leonard Statii de Datis, a carta contém uma defesa da posição hussita que o papa não é o cabeça da Igreja Universal (SPINKA, 1972: 182).

No dia seguinte, 22 de junho, Hus escreve uma bela carta a seus amigos em Constança. Nela, após um longo trecho discutindo o problema de abjurar algo que ele não fez ser uma mentira ou um ato de humildade, ele narra um encontro que foi cheio de emoção com Štěpán Pálež. Pálež fora amigo de Hus, companheiro de trabalho na Universidade de Praga (onde ambos eram professores), defensor das mesmas ideias reformistas da Igreja. Aos poucos, porém, com a ascensão de Hus a uma posição de liderança, Pálež passou a se afastar do grupo defensor das ideias reformistas. (SPINKA, 1968: 79)

O que começou com um afastamento gradual, tornou-se uma oposição ferrenha, tendo Pálež um lugar central nas acusações feitas durante o Concílio de Constança contra Hus. Os antigos amigos tornaram-se opositores. Hus pede, então, para que ele o

visite em sua prisão, pois deseja tê-lo como confessor. A confissão às vésperas da morte e a busca por reconciliação com os adversários são elementos tradicionais no cristianismo, fazendo parte do sacramento da penitência (HANNA, 1911). Não apenas a busca por reconciliação é um sinal de despedida, mas também a própria narração dessa reconciliação fortalece esse caráter. Hus não apenas está comentando o que lhe acontecera pouco antes, ele está apontando para sua morte iminente e as atitudes que toma ante o momento derradeiro:

Páleč veio e chorou muito comigo quando lhe pedi que me perdoasse por ter dito qualquer palavra de repreensão e, especialmente, que eu o chamei de enganador [fictor] por escrito. (...) Mais tarde ele me aconselhou do mesmo modo que os outros.

No dia seguinte, Hus comenta com o nobre Jan de Chlum, companheiro de viagem e importante interlocutor de seu período na prisão, a respeito da visita de Páleč, retomando a questão da abjuração e sustentando sua “intenção final”:

Saiba que Páleč, em sua tentativa de me persuadir, disse-me que eu não deveria me preocupar com a vergonha de abjurar, e sim o bem que disso virá. Eu lhe disse: “É uma vergonha maior ser condenado e queimado do que abjurar. De que maneira, portanto, eu temo a vergonha? Aconselhe-me a respeito do que você faria se você soubesse com certeza que não defendeu os erros que lhe foram atribuídos. Você estaria disposto a abjurar?” Ao que ele respondeu: “Isso é difícil”, e começou a chorar.

Além de reiterar sua posição, Hus apresenta em forma de pergunta para Páleč sua justificativa para sustentá-la. Escrever isso numa carta é como justificar-se por escrito diante de sua morte. Sua justificativa é seguida de um pedido de cuidado com as cartas, comum nos escritos hussitas feitos da prisão (AGUIAR, 2010: 129 e seguintes) e de um longo trecho de meditação a respeito de afirmações nas escrituras que sustentassem sua justificativa. Vejamos um exemplo:

Eu sou grandemente consolado pelas palavras de nosso salvador: “Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem, insultarem e proscreverem vosso nome como infame, por causa do Filho do Homem. Alegrai-vos naquele dia e exultai, porque no céu será grande a vossa recompensa”. É boa, de fato, a melhor consolação, mas difícil, não no que diz respeito a ser entendida, mas de ser totalmente cumprida, ou seja, alegre-se nessas tribulações. (...) Até mesmo o mais paciente e valente soldado, sabendo que no terceiro dia Ele se ergueria, conquistando por Sua

morte os inimigos e redimindo os eleitos da danação, após a Última Ceia estava perturbado em espírito e disse: “Minha alma está triste até a morte”.

Hus expressa que vive um sofrimento, mas que esse sofrimento ele tenta suportar. Sua escrita para o amigo é um exercício de meditação por escrito. No dia seguinte, 24 de junho, de escreve para o povo da Boêmia em tcheco uma carta retomando um tema recorrente em sua correspondência, a verdade e a perseverança nela até a morte. Utilizando diversas citações bíblicas e referências a São Gregório e São João Crisóstomo, Hus exorta o povo a não temer a ordem do concílio de queimarem os livros que ele escreveu. Afirma que antes do Dia do Julgamento haverá grandes tribulações e, portanto, não devem desistir de ler o que ele escreveu. Além disso, as ordens do Concílio vão demorar muito para chegar até eles e muitos homens do Concílio morrerão antes de lhes retirarem os livros, como vemos neste trecho que selecionamos:

Lembrando disso [que os dias de tribulações acabarão], caros bem amados, permaneçam firmes. Pois eu tenho esperança em Deus que a escola do Anticristo terá medo de vocês e lhes deixará em paz. O Concílio não virá de Constança para a Boêmia. Pois eu acho que muitos daquele Concílio morrerão ao redor do mundo antes de arrancarem os livros de suas mãos. Eles se espalharão do Concílio pelo mundo como cegonhas e, quando o inverno chegar, eles perceberão que cometeram um crime durante o verão.

E, em seguida, lança uma provocação à ideia do papa ser o cabeça da Igreja. Referindo-se à condenação de João XXIII. Este, um dos três papas simultâneos do período (cf. TUCHMAN, 1990:302 e seguintes; MCBRIEN, 2000:253-262, 482), foi condenado pelo Concílio de Constança. Hus utiliza esse fato para defender suas ideias e sustentar, diante de seus conterrâneos, a fragilidade do concílio que o condenava. Desta maneira, justifica-se diante de seus amigos, discípulos e seguidores que ouvirão à carta na Capela de Belém, responsabilizando seus adversários pela sua morte:

Atentem para o fato que eles condenaram sua cabeça como um herege. Respondam agora, seus pregadores, que pregam que o papa é o deus terreno, que ele não pode pecar e não pode cometer simonia. Os juristas dizem que o papa é a cabeça de toda a santa Igreja, que ele governa muito bem, que ele é o coração da santa Igreja, que ele nutre espiritualmente, que ele é a fonte de onde brota todo o poder e bondade, que ele é o sol da santa Igreja, que ele é o refúgio infalível onde todo cristão deve se abrigar.

Bem, essa cabeça já foi cortada, o deus deste mundo está amarrado e seus pecados já são públicos. A fonte já secou, o sol escureceu, o coração está rasgado e o refúgio fugiu de Constança e é repudiado de tal modo que ninguém procurará abrigo lá. O Concílio o condenou como herege porque ele vendeu indulgências, bispados e outros benefícios e muitos dos que o condenaram os compraram dele e traficaram nele. (...) Esses homens condenaram e anatematizaram o vendedor enquanto eles mesmos permaneceram compradores e intermediários e continuam a vender em seus lares. (...)

Oh, se o senhor Jesus tivesse dito ao Concílio “aquele que dentre vocês estiver sem o pecado da simonia, condene o papa João” parece-me que eles correriam para fora um depois do outro. Por que, então, eles ajoelharam perante ele, beijaram seus pés e o chamaram de santíssimo Pai, quando eles sabiam que ele era um herege, um assassino e um sodomita, pecados que eles mesmos trouxeram a público mais tarde?

Segue com outras perguntas semelhantes a esta última e discorre sobre a abominação e vergonha que foram estes atos. E, perante estes, Hus gostaria de descrevê-los para que os fiéis de Deus tomem cuidado. Assim conclui sua carta:

Eu gostaria de fazê-lo [descrever as maldades], mas acredito em Deus que ele fará surgir, depois de mim, homens mais corajosos, que eles já existem agora e que eles irão declarar as maldades do Anticristo e arriscarão suas vidas com a morte pela verdade do senhor Jesus Cristo, que dará a vocês e a mim a alegria eterna.

No mesmo dia 24, Hus escreve para seus amigos Petr de Mladoňovice e Jan Cardinal de Rejnštejn, uma carta com diversos pedidos referentes aos cuidados com sua correspondência e seus escritos e com a narração de um encontro com emissários provavelmente do concílio. Na carta, o clérigo agradece à presença de seus amigos, atribuindo um caráter de consolo a ela:

Sabendo que vocês e os nobres estão em Constança, grande é minha consolação, presumindo que eu deva logo ser levado à morte. Eu tomo por certo que Deus enviou-me vocês como anjos para me confortar, este fraco e miserável, diante do grande julgamento.

No diálogo que transcreve com as duas pessoas que apareceram na prisão para fazer perguntas, Hus apresenta o que nos parece certa hesitação:

Eles disseram: “Você chegou a alguma conclusão?” Eu disse: “Não”, o que é verdade. Eles disseram: “Você deseja abjurar ou revogar?” Eu disse: “Venha para o concílio e lá vocês ouvirão, pois eu devo estar diante do

concílio e responder a ele. Por que vocês me tentam? Vocês vieram para consolar um prisioneiro ou para perturbá-lo?” Ouvindo isso, eles interpuseram algumas palavras e foram embora.

Talvez Hus não saiba exatamente como se posicionar diante do concílio. Talvez ele esteja apenas protelando sua decisão. Ambas seriam sinais de dúvidas a respeito de como proceder diante das acusações ou como posicionar-se diante de seus interlocutores. Apresentando-se como em dúvida, Hus abre espaço para que seus interlocutores lhe respondam, aconselhem.

No dia seguinte, 25 de junho, novamente escreve Hus a seus amigos em Constança repetindo certo padrão de escrita de cartas anteriores: pede que tome cuidado com as cartas, medita a respeito de passagens das escrituras e narra outro diálogo com membros do concílio. Selecionamos este trecho como exemplo:

Certo doutor me disse que o que quer que eu faça para me submeter ao concílio será bom e legítimo para mim. E ele acrescentou que “se o concílio dissesse que você tem apenas um olho, mesmo que você tenha dois, você deveria confessar ao concílio que eles tinham razão”. Ao que eu respondi: “Mesmo que todo o mundo me dissesse, eu, tenho a razão que eu agora uso, não poderia machucar minha consciência dizendo isso. Então, percorrendo longamente sobre isso, ele recuou de sua afirmação e disse: “É verdade que eu não dei um bom exemplo.”

Narrar este episódio, no qual um doutor do Concílio fala algo tolo e discorre longamente sobre sua tolice, ajuda Hus a se defender e expor a fragilidade do concílio que o condena, igualmente ao que fez quando escreveu sobre o papa e ao que fará em cartas posteriores, como na que escreveu em 26 de junho para todos os fiéis tchecos. Nela, afirma que os membros do concílio não leram seus escritos porque não entendiam tcheco. Menciona como exceção o bispo de Litomyšl que estava presente ao concílio, mas não apoiava Hus:

Eu tentei mais de uma vez chamar a atenção de vocês que o Concílio orgulhoso e avaro, cheio de abominações, condenaram meus livros tchecos, sem nem ao menos os terem ouvido ou visto. E mesmo que os tivessem ouvido, não os teriam entendido, visto que havia italianos, franceses, ingleses, espanhóis, alemães e [falantes] de outras línguas naquele Concílio, exceto talvez o Bispo Jan de Litomyšl tenha entendido meus livros de algum modo. Pois ele estava entre os outros tchecos, os provocadores, com os capítulos de Praga e Vyšehrad de onde se originaram as calúnias contra a verdade de Deus e de nossa terra da Boêmia.

Além disso, condena os pecados do Concílio, apresentando uma fala corrente dos habitantes daquela cidade:

Oh, vocês viram que o Concílio se proclama o mais santo e que não pode errar. Vocês com certeza viram a grande abominação. Pois eu ouvi que é dito pelos suábios que Constança ou Kostnice, sua cidade, não vai se livrar por pelo menos trinta anos dos pecados que aquele Concílio cometeu na cidade.

Hus, então, narra como foi recebido em sua audiência e descreve uma discussão que parece calorosa, com todos gritando, inclusive ele mesmo:

Eu digo a vocês que quando em cheguei perante o Concílio no primeiro dia, vendo que não havia qualquer ordem por lá, disse alto, quando eles estavam todos quietos: ‘Eu supunha que haveria maior reverência, bondade e melhor ordem no Concílio do que está havendo!’ Naquele momento, o cardeal presidente disse ‘O que você está dizendo? Você falou com mais humildade no castelo!’ Ao que eu respondi, dizendo ‘Porque no castelo ninguém gritou comigo e aqui todos estão gritando!’

Conclui sua carta dizendo que a escreveu para mostrar que eles tentaram fazê-lo abjurar, mas não conseguiram. Suas últimas palavras são: “mas pelos misteriosos desígnios de Deus eu não posso dizer se esta é minha última carta, pois o Deus todo poderoso ainda poderá me libertar.” Em cerca do mesmo dia, ele escreve outra carta aos nobres Jan de Chlum e Václav de Dubá, que o acompanhavam em Constança, na qual também afirma que esta seria sua última carta. Sendo seus destinatários membros da nobreza, Hus aconselha-lhes a tomarem cuidado com as vaidades de seu tempo, em especial a posse de bens. Ele direciona seus conselhos nesse sentido, exortando-os a cuidarem das “posses do Senhor” e pede:

Sirvam, portanto, ao Rei no medo, queridos nobres, e Ele lhes conduzirá, tenho fé, para a Boêmia em Sua graça e em saúde, e mais tarde para a vida eterna de glória. Adeus. Suponho que esta seja minha última carta a vocês, porque amanhã, penso, serei expurgado dos pecados, na esperança de Jesus Cristo, pela morte terrível.

E segue com uma afirmação que merece nosso destaque: “Eu não consigo descrever o que eu passei nesta noite.” O que terá vivido Hus naquele momento? Dores físicas, como apontou em outras cartas escritas da prisão? Temor diante da morte iminente? Dúvidas a respeito do que viveria? Tristeza e decepção pelos seus adversários e pelas promessas não cumpridas dos membros do concílio? Sem dúvida há um

sofrimento nesse processo de despedida e a escrita desta frase serve como registro desse sofrimento para seus interlocutores, algo como um compartilhar da dor com aqueles que lerão a carta.

Contudo, a morte não chegou no dia seguinte, e Hus tem tempo de fazer novas despedidas. Em cerca de 27 de junho, escreve a Christian de Prachatice, seu benfeitor que o conduziu à vida clerical e universitária. A carta é sucinta:

Mestre Christian, meu mestre e benfeitor especial.

Permaneça na verdade do Cristo, aderindo aos fiéis. Não tema, pois o Senhor logo lhe dará proteção e aumentará o número de fiéis do Cristo.

Seja gentil aos pobres, como você sempre foi.

Espero que você tenha preservado sua castidade, que tenha evitado e ainda esteja evitando a avareza. Não mantenha vários benefícios para você. Sempre mantenha sua igreja, de modo que os fiéis possam voar a você como um pai gentil.

Cumprimente, caro amigo, o Mestre Jakoubek e a todos os amigos da verdade.

Escrito nas amarras, na expectativa pelo fogo.

Na “expectativa pelo fogo”, Hus lembra-se de uma pessoa que foi importante em sua vida e lhe escreve breves palavras. O aconselhamento que, de certa forma, deixa serve como uma memória a ser lembrada. É como se escrevesse “ao se lembrar de mim, lembre-se destas palavras que eu lhe deixo”. Essa memória que ele tenta preservar nas cartas de despedida aparece fortemente naquela que escreve aos membros da Universidade de Praga, também em 27 de junho. Nesta, aos mestres, bacharéis e estudantes, exorta-os:

pelo amor do mais bondoso Jesus, que vocês amem uns aos outros, desenraizem os cismas e promovam a honra de Deus perante todo o resto, guardando-me na memória. Pois eu sempre procurei o avanço da universidade para a honra de Deus, sofri por suas discórdias e excessos e desejei unir nossa ilustre nação em uma só.

Esta nação refere-se ao grupo tcheco dentro da universidade, organizada em quatro nações diferentes (cf. LE GOFF, 2003:102,178; SPINKA, 1968:25,96-98). Continua constituindo a memória que quer deixar para o futuro, sustentando sua “intenção final”:

Vocês devem saber também que eu não revoguei nem abjurei um único artigo. O Concílio desejava que eu declarasse que todos e cada um dos

artigos retirados de meus livros eram falsos. Eu recusei fazê-lo a não ser que eles me mostrassem essa falsidade pelas Escrituras. Eu disse que eu detesto qualquer sentido falso que exista em qualquer um dos artigos, e os entrego à correção do Senhor Jesus Cristo, que sabe de minha sincera intenção e não a interpreta minhas intenções no sentido errado. Exorto-os, também, no Senhor que qualquer sentido errado que vocês possam discernir naqueles artigos que os abandonem, mas sempre preservem a verdade que neles está intencionada.

No mesmo dia, escreve novamente uma carta pastoral para ser lida na Capela de Belém. Aproveita o adiamento de sua morte para escrever novamente, visto que sente prazer em poder conversar com eles:

Tendo muitos motivos para acreditar fortemente nisso, escrevi-lhes como se fosse morrer amanhã. Mas visto que eu novamente soube do adiamento de minha morte, escrevo-lhes mais uma vez, amigos graciosos e fiéis em Deus, para mostrar minha gratidão o máximo possível, e até mesmo sentindo prazer em poder conversar com vocês por carta.

Diante da possibilidade de escrever mais, não hesitou e produziu três cartas. Hus aproveita ao máximo as chances de escrever, para agradecer. Mas não só isso, escreve pelo prazer de poder escrever. Considerando que há um sofrimento nas vésperas da morte e, por consequência, na despedida, escrever é um alívio para esse sofrimento.

Escreve uma explicação a respeito do adiamento de sua morte e da morte de Jerônimo de Praga, companheiro professor universitário também preso em Constança. Afirma que o adiamento serve para que ambos possam redimir melhor seus pecados e se lembrar do exemplo de Jesus e dos santos que entraram no reino dos céus sofrendo. Conclui com uma ironia: seus acusadores tiveram que ler seus livros atentamente. “Fiquei feliz que eles foram obrigados a ler meus livretos, que claramente revelam suas maldades. Eu sei que eles os leram mais atentamente do que lêem as sagradas escrituras, tentando encontrar erros neles.” Retoma, com esta frase, sua tentativa de fragilizar o concílio.

Em 29 de junho, Hus escreve duas cartas de despedida. Uma para Petr de Mladoňovice e outra para os nobres Jan de Chlum e Václav de Dubá. Para o primeiro, faz diversos pedidos para que cuide de questões de ordem material, como os seguintes:

Se o nobre Jan teve algum prejuízo na expectativa de algum pagamento de minha parte, obtenha-o, caro Petr, quando você chegar em casa (...) Quanto a você, o mestre Martin, se você estiver vivo, ou Mestre Christian, de quem

eu dependo, lhe proverão (...) Eu não sei quem ficará com o breviário (...)
Distribua os livros conforme eu escrevi para o mestre Martin (...)

E termina com um “Adeus em Cristo Jesus”. Para os nobres, inicia dizendo “alegro-me, não pouco, que eu posso, pela graça de Deus, escrever-vos novamente”. Comenta a carta que recebeu de Jan de Chlum, a qual não chegou até nós, percebendo a “atuação do Anticristo” de um lado e a “perturbação dos inimigos da verdade” de outro. Afirma que Jan de Chlum permanece com a “constância do amor daqueles que professam a verdade” e se esforçando para “terminar com as vaidades do mundo”. Medita a respeito da realeza do Cristo e pede que ele “escreva novamente, se puder”, outro indício do alívio que a troca de cartas traz a seus sofrimentos.

Finalmente em 1º de julho, Hus escreve sua declaração final ao concílio, retomando em palavras semelhantes, sua “intenção final” escrita em 21 de junho: afirma que não irá abjurar, pois isso significaria cair em perjúrio e não voltará atrás em nenhum deles, temendo ofender a verdade. Entre 29 de junho e 5 de julho, a não ser por sua declaração final ao Concílio de Constança, não há nenhuma carta de Hus que chegou até nós. Não sabemos o que aconteceu nesses seis dias. Talvez ele tenha escrito alguma carta que se perdeu ou talvez ele nada tenha escrito.

Em 5 de julho, véspera de sua morte, desta vez inevitável, Hus escreve três cartas. A primeira é endereçada a seus amigos em Constança, na qual repete sua declaração final, confirmando sua posição. Nela pede que cuidem de suas cartas cautelosamente, pois elas podem ser perigosas às pessoas nelas citadas, indício de que sua correspondência poderia estar sob censura ou vir a ser interceptada. No dia seguinte, será novamente interpelado pelo concílio, e expressa o desejo de que Sigismundo, imperador de origem tcheca que atuou em favor da condenação de Hus, esteja presente para ouvir suas palavras: “Se ao menos Deus em sua graça trouxesse o rei para a audiência! Eu gostaria de vê-lo ouvindo as palavras que o mais gentil Salvador colocará em minha boca!” Se com Páleč Hus quis se reconciliar, com Sigismundo, parece não haver nenhuma possibilidade.

A outra carta, que encaminha para seus amigos na Boêmia, consiste numa despedida na qual se lembra com mais detalhes do que fizera anteriormente de cada pessoa que considera importante. Pede para que nada falte a Jan de Chlum, designando um nobre para cuidar disso. Agradece à rainha e sua corte. Pede a todos que rezem por ele, pois ele logo se encontrará com Deus. Afirma estar preso, “no aguardo da sentença

de morte, que eu sofrerei, espero, na lei de Deus”. E pede para que não permitam que os bons clérigos sejam destruídos. Assina como “Mestre Hus, na esperança de ser um servo de Deus”, epíteto muito recorrente em suas cartas. Acrescenta a essa carta um adendo com diversos recados. Na lista, vemos nobres, professores da universidade, amigos e discípulos:

Petr, caro amigo, fique com meu casaco de pele em minha memória.

Nobre Henry Lefl, viva uma boa vida com sua esposa. Agradeço-lhe por seus benefícios. Que Deus lhe recompense.

Senhor Lidher, amigo fiel, com Senhora Margaret e Nobre Škopek e mestre Mikeš e outros, que Deus lhes de a eterna recompensa pelo trabalho e outras gentilezas que me mostraram.

Fiel e querido mestre Christian, que Deus esteja com você.

Mestre Martin, meu discípulo, lembre-se do que eu lhe ensinei fielmente.

Mestre Mikulaš, Petr, capelão da rainha e o resto dos mestres e clérigos, sejam diligentes na Palavra de Deus.

Clérigo Havlík, pregue a Palavra de Deus!

Suplico a todos que permaneçam firmes na verdade de Deus.

Nesta carta, despede-se de todos, com agradecimentos, pedidos e um legado: permanecer firme na verdade de Deus.

Aproveitando a oportunidade de escrita, Hus deixa um memorial em forma de carta endereçado a “todo o mundo cristão”. Lembrando-se de sua última audiência no Concílio de Constança, a mesma que motivou a escrita de sua “intenção final” e iniciou suas despedidas por carta, deixa registrada sua posição, apontando a fragilidade do concílio:

Primeiro, que em muitas audiências particulares e, posteriormente, nas públicas do Concílio, eu protestei por minha vontade de submeter-me às explicações e direções, revogações e punições, desde que eu recebesse a explicação de qualquer coisa que eu tenha escrito, ensinado ou dito em resposta fosse contrário à verdade.

Escreve, em seguida, que eles lhe disseram “você deve ceder à decisão do Concílio”. E cada vez que utilizava alguma citação das escrituras ou dos Padres da Igreja, eles ou zombavam dele ou diziam que ele citava erroneamente. Cita um momento no qual o cardeal presidente pede-lhe argumentos perante a questão da essência comum de Deus existente nas coisas e ele os apresenta. O cardeal, claramente

“reduzido ao máximo de sua falta de conhecimento sobre o argumento, ficou quieto”. Outro doutor inglês tentou emendar e não conseguiu:

Falhando em sua argumentação, quando eles [os outros membros do Concílio] pediram-lhe para se calar, ele disse ‘Olhem! ele [Hus] astutamente engana ao Concílio! Tomemos cuidado para que o Concílio não seja enganado como ele o foi por Berengar’.

Segue, Hus, com a sequência daquele debate, tentando mostrar o quanto estava desorganizado e não lhe davam crédito às suas palavras:

Quando ele se calou, alguém começou a argumentar em voz alta sobre a essência comum criada, mas a multidão gritou com ele. Eu, no entanto, levantei-me e pedi que ele pudesse ser ouvido, dizendo-lhe ‘Argumente com coragem que eu alegremente lhe responderei’. Mas, igualmente, desistiu e acrescentou mal-humorado ‘é uma heresia’.

Conclui com as palavras do cardeal e do rei, afirmando que ele teria a explicação dos doutores a respeito de seus erros por escrito e que ele deveria responder a elas:

E ele [o cardeal presidente] disse ‘Oh, isto consiste sua explicação, que os doutores declararam os artigos retirados de seus livros como errôneos. Você deve revogá-los e abjurar aqueles que foram depostos contra você pelas testemunhas’. O rei disse ‘Eles serão em breve escritos para você e você poderá respondê-los’. E o cardeal disse ‘Isso será feito na próxima audiência’. E, imediatamente, o Concílio se levantou.

Suas últimas palavras confirmam nossa leitura que nas últimas semanas de sua vida ele sofria: “Só Deus sabe as grandes tentações que eu sofri em seguida!”. E, acrescentamos, que as cartas de despedida ajudaram a amenizar.

Hus foi morto no dia seguinte, 6 de julho de 1415. Entre 21 de junho e a véspera de sua morte, escreveu um conjunto de cartas nas quais deixou seu “adeus”. Em nossa leitura dessas cartas, observamos uma prática de escrita epistolar que, de acordo com os elementos que selecionamos, tinha por objetivo despedir-se das pessoas importantes para Hus.

Hus vivenciou reiteradamente a necessidade de escolher suas últimas palavras. O fato de acreditar estar diante da morte iminente fez com que ele se despedisse várias vezes, repetindo algumas ações na escrita, a saber: agradecer, reconciliar-se, justificar-se, posicionar-se, aconselhar e pedir conselhos, lembrar das pessoas importantes, deixar seu testamento material e a memória e seu legado, bem como escrever o máximo possível. No entanto, todas essas motivações de escrita atenderam a uma necessidade

premente de quem escreve na prisão diante a morte: escrever essas cartas de despedida foi um meio que Hus encontrou de amenizar o sofrimento que vivia. Para se despedir, não bastou para Hus, como supomos não basta para ninguém que se despede, simplesmente dizer “adeus”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Thiago Borges de. *Jan Hus: As cartas de um educador e seu legado imortal*. 2010. 305 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- FREITAS, Marcos Cezar. Por quem os sinos dobram? In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs.). *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GINZBURG, Carlo. *Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- HANNA, Edward. *The Sacrament of Penance*. The Catholic Encyclopedia. Vol. 11. New York: Robert Appleton Company, 1911. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/11618c.htm>>. Acesso em 12/03/2011.
- LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- MCBRIEN, Richard P. *Os papas: de São Pedro a João Paulo II*. Tradução Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- NOVOTNÝ, Václav. *M. Jana Husi Korespondence a dokumenty*. Praga: Komise pro vydávání pramenů náboženského hnutí českého, 1920. (-)
- SPINKA, Matthew. *John Hus at the Council of Constance*. New York & London: Columbia University Press, 1965.
- SPINKA, Matthew. *John Hus: a biography*. Princetown, New Jersey, EUA: Princetown University Press, 1968.
- SPINKA, Matthew (ed.). *The letters of John Hus*. Manchester, USA: Manchester University Press, 1972.
- TUCHMAN, Barbara W. *Um espelho distante: o terrível século XIV*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.